

UDESC

Semestre de 2020.1

**Professora: Sandra Favero**

**Mariana Morossino Santos**

# Fichamento

## A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica

---

**Texto de Walter Benjamin.**

---

### **Introdução**

- Marx analisou o modo de produção capitalista ainda em seus primórdios e concluiu que se podia esperar uma exploração e supressão do proletariado.
- Tem-se a modificação da superestrutura de forma lenta.
- A arte é produzida pelo lucro e não pela arte, utilizando de meios capitalistas e fascistas para que essa produção e venda ocorram, o que pode ser visto como uma ideia que vai de encontro ao que é o conceito de arte e seus significados.

### **Reprodutibilidade técnica**

- Benjamin diz que as obras de arte sempre foram reprodutíveis. As obras eram produzidas por discípulos, por mestres, e por fim, terceiros interessados em lucrar.
- Obras de arte foram tecnicamente reproduzidas com a criação da xilogravura, e é interessante notar os saltos históricos em que as reproduções técnicas foram feitas, pulando de tempos em tempos e crescendo gradativamente.
- A xilogravura possibilitou a reprodução das obras de arte, mas não foi utilizada para impressão da palavra escrita. Isso só ocorreu com a criação da imprensa, mais tarde.

- Com a criação da litografia, as etapas de reprodução mudam, já que ela é feita de forma diferente, ou seja, o processo xilográfico e litográfico são diferentes.
- A criação da litografia proporcionou um uso da atividade gráfica muito mais cotidiano que o da xilogravura. Se observarmos sob a ótica de um mundo midiático de produção em massa, Benjamin equipara o processo da litografia com o processo da imprensa, pois ambos reproduzem muitas cópias e podem ser constantemente mudados muito mais rápido, desta forma, trazendo a atividade gráfica para o cotidiano e o ilustrando.
- Mesmo assim, a fotografia ultrapassou a litografia, e de acordo com o autor, “Como o orno apreende mais depressa do que a mão desenha, o processo de reprodução das imagens experimentou tal aceleração que começou a situar-se no mesmo nível que a palavra oral”. Observando tal afirmação, é possível entender que, para a época, o jornal ilustrado estava contido na litografia e o cinema falado estava contido na fotografia.
- *“A reprodução técnica do som iniciou-se no fim do século passado. Com ela, a reprodução técnica atingiu tal padrão de qualidade que ela não somente podia transformar em seus objetos a totalidade das obras de arte tradicionais, submetendo-as a transformações profundas como conquistar para si um lugar próprio entre os procedimentos artísticos”.*

## **Autenticidade**

- O autor explica, no primeiro parágrafo deste trecho, que apesar da reprodução mais fiel de uma obra, o elemento único dela está ausente: o que ele chama de “aqui e agora” da obra que caracteriza a sua história.
- Benjamin explica que a reprodução técnica do objeto foge à autenticidade, pois a obra original possui o seu “aqui e agora” que a caracteriza como aquele objeto, sempre igual e idêntico a si mesmo.
- Para ele, enquanto a autoridade preservada no autêntico com relação à reprodução manual dele (que o autor categoriza como falsificação) é mantida, por outro lado, a reprodução técnica não sofre o mesmo. Benjamin justifica esta afirmação por haver mais autonomia no processo técnico do que no manual e por possibilitar à cópia de passar por situações que seriam impossíveis para o original, dando o exemplo de um coro, que seria executado ao ar livre ou numa sala, poder ser ouvido num quarto.
- O autor volta a destacar que a obra perde um elemento, dessa vez o chamando de “aura”, afirmando que a reprodução serial da obra substitui o que antes era a existência única dela. Em outras palavras, as diversas cópias desses trabalhos

transformam a obra em um trabalho constantemente atualizado, perdendo sua característica única.

- Walter Benjamin procura explicar melhor o conceito de destruição da aura no trecho seguinte, sem antes pontuar que essa liquidação da aura acontece, principalmente, no cinema, que ele chama de “agente mais poderoso”.

### **Destruição da aura**

- No primeiro parágrafo, é afirmado que o entendimento humano é condicionado de acordo com a condição natural e histórica. Desta forma, é possível entender que a compreensão da arte não só varia em sua estética como também em sua percepção de acordo com o período em que se encontra. O que o autor quer dizer, neste parágrafo, é que só é possível compreender um certo objeto artístico se este for olhado a partir da ótica da época em que ele havia sido criado.
- No segundo parágrafo do trecho, Benjamin procura explicar o que é a “aura”, que ele caracteriza como: “É uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante por mais perto que ela esteja”. Assim, é mais fácil compreender a que ele se refere quando, no parágrafo anterior, explica a compreensão da arte a partir da ótica em “composta de elementos espaciais e *temporais*”.
- Observando o que é dito alguns parágrafos antes, Walter Benjamin deixa ainda mais claro nesse parágrafo a importância da aura e a reprodutibilidade em massa, da repetibilidade. Ele procura explicar o que chama de “fazer as coisas ‘ficarem mais próximas’”, afirmando que existe a preocupação das massas em possuir o objeto o mais perto possível, seja pela imagem ou pela cópia dela. *“Retirar o objeto do seu invólucro, destruir sua aura, é a característica de uma forma de percepção cuja capacidade de captar “o semelhante no mundo” é tão aguda, que graças à reprodução ela consegue captá-lo até no fenômeno único”.*

### **Ritual e política**

- Nesse trecho, o autor fala sobre a obra de arte no contexto de aura e tradição, explicando que certas obras são postas em contextos de uma certa tradição e depois vistas de outra forma em outra tradição. O que ele explica é que para ambos os casos a aura permanece a mesma, já que, como já pontuado anteriormente, a aura é composta de elementos espaciais e temporais. Desta forma, o parágrafo explica que a criação artística — comumente dita como “a arte

pela arte” — tem sim um fundamento teológico, tal qual um ritual ou uma tradição. Esse conceito de “arte pela arte” seria uma teologia da arte. Assim, ele explica que a reprodutibilidade técnica transformaria a teologia da arte, já mencionada anteriormente, em uma representação crua e sem objetivo. É nessa reprodutibilidade em massa que ele encontra o que é compreendido como arte criada para ser reproduzida, copiada e vendida. É essa a descolagem da chamada “teologia da arte”.

- No segundo parágrafo do trecho, o que o autor procura pontuar é que a reprodutibilidade técnica das obras cinematográficas não ocorre simplesmente pela vontade de vender, mas sim pela necessidade, que causa a obrigatoriedade. A obrigatoriedade pontuada vem do custo de produção de um longa metragem, por exemplo. O que talvez melhore a compreensão deste parágrafo é a explicação que essa obrigação em “vender”, no cinema, vem do conceito de que a pessoa que pode comprar um quadro não pode comprar um filme, fazendo com que o cinema tenha, por necessidade, que difundir.
- Benjamin explica, nesse mesmo parágrafo, que o filme é uma criação de coletividade, sendo assim, precisa do coletivo para se sustentar. Ele pontua que, em 1927, era estimado que pelo menos 9 milhões de pessoas precisavam assistir a um longa-metragem a ponto de trazer alguma espécie de retorno. No contexto da época, ter um cinema falado era extremamente necessário, já que a barreira linguística de uma população sem acesso à educação dificultava a massa de ocupar espaços como salas de cinema, fazendo com que houvesse um retrocesso. É claro que, após algum certo tempo, houve a compensação deste com a sincronização dos interesses nacionais da época. É neste parágrafo que se compreende melhor o que o cinema e a reprodutibilidade técnica significam entre si.

### **Valor de culto e valor de exposição**

- Neste parágrafo único, o autor foca em transmitir a ideia da existência de dois pólos na criação artística, que ele caracteriza como valor de culto e valor de exposição. Neste trecho específico, ele busca explicar que certas obras possuíam valor de culto, como aquelas feitas em cavernas no período paleolítico, e outras possuíam valor de exposição, como um quadro, feito para ser levado de um lugar a outro para ser exposto. Resumidamente, Benjamin traz o conceito de produção artística, tal qual conhecemos antes, como uma matéria em constante mudança. O que, na pré-história, era dado como uma ferramenta ritualística, feita para uma entidade ou ser superior, hoje é visto como arte, assim como produzimos

certas obras artísticas, com a ideia de arte pela arte, que daqui certo tempo poderão, segundo ele, serem vistas com o caráter artístico secundário.

- “À medida que as obras de arte se emancipam do seu uso ritual, aumentam as ocasiões para que elas sejam expostas”.
- O que o autor explica é que a refuncionalização da arte é um processo contínuo, que acontece desde os tempos mais primórdios, já que os rituais que eram intrínsecos aos seres humanos daquele tempo não tinham como objetivo a sua exposição, mas sim o seu valor de culto. Desta forma, o cinema, como abordado anteriormente, faz o papel de retratar o que é cotidiano, transformando o que é intrínseco à nossa realidade em arte, assim, mudando-o. Conclui-se que a trajetória do que é comum para o meio artístico é o sentido do cinema.

## **Fotografia**

- Neste trecho, é explicado que a fotografia transforma o que é de culto em exposição. É afirmado que o rosto é a “última trincheira” do valor de culto, visto que traz a aura expressa nos rostos daqueles que já se foram, no refúgio da saudade. Logo, quando o retrato é substituído pela fotografia sem homens, é compreendida essa mudança de valor de culto em exposição, já que a fotografia de paisagem é feita para ser *vista, exposta*, e não cultuada. Desta forma, quando uma imagem é legendada em uma revista, por exemplo, é como se oferecesse uma melhor compreensão daquilo que está sendo visto, como no cinema.

## **Fotografia e cinema como arte**

- O que este trecho propõe é a grande controvérsia entre a produção artística fotográfica e cinematográfica como sendo, de fato, produções artísticas. Essa refuncionalização da arte por conta da reprodutibilidade técnica fez com que a autonomia da arte perdesse sua aparência. Para o autor, na época, parecia irrelevante a discussão entre considerar a fotografia uma arte tendo como parâmetro a pintura, mas que entendia tal discussão por se tratar de uma circunstância que não era de conhecimento daqueles que participavam dela.
- Era uma questão bastante comum a de querer saber se a invenção da fotografia não havia mudado o que era conhecida como a própria natureza da arte. Mesmo assim, o que era questionado na fotografia não chegava perto do que era questionado no cinema, por exemplo. O autor cita Abel Gance, que compara o cinema aos hieróglifos: “*Aqui estamos nós, por um retorno prodigioso, de volta ao*

*nível de expressão egípcio. A linguagem das imagens ainda não foi desenvolvida porque nossos olhos ainda não foram feitos para elas. Ainda não há respeito e adoração suficientes pelo que eles expressam”.*

- É de se compreender, ao final do segundo parágrafo, que o autor parece questionar o porquê de o cinema precisar, segundo alguns autores reacionários, retratar de modo fantástico o mundo — num valor muito mais de culto — e não como ele realmente é. Parece, então, questionar o não entendimento do que é valor de exposição.

## **Cinema e teste**

- *“Fotografar um quadro é um modo de reprodução; fotografar num estúdio um acontecimento fictício é outro. No primeiro caso, o objeto reproduzido é uma obra de arte, e a reprodução não o é”.* Esta citação do texto chama bastante a atenção pois, observando pela ótica do autor, fotografar uma obra de arte seria como orquestrar uma sinfonia: não passa de um desempenho artístico. Apesar disso, Benjamin explica que fotografar um ambiente fictício também não é arte, mas que a montagem e o produto final daquilo é o que se caracteriza como arte. Portanto, o cinema seria um conjunto de acontecimentos gravados que não são artísticos, mas que no final são colocados como uma obra, de fato.
- Desta forma, o cinema é como um grande teste, segundo o autor. Para ele, um ator estar diante de um grêmio de técnicos como diretores, roteiristas, montadores é como um desempenho esportivo. Apesar disso, os acontecimentos que são gravados para o cinema não são reais, portanto o escolhido será o que for melhor. Assim, como o autor diz, *“(...) como um disco lançado num estádio, numa competição esportiva, se distingue do mesmo disco, no mesmo local, com a mesma trajetória e cujo lançamento tivesse como efeito a morte de um homem. O primeiro ato seria a execução de um teste, mas não o segundo”.*
- Benjamin, então, afirma: *“[o cinema] ele torna mostrável a execução do teste, na medida em que transforma num teste essa ‘mostrabilidade’”.*

## **O intérprete cinematográfico**

- Neste trecho mais profundo do texto, o autor parece tentar fazer com que o leitor visualize o ator como um ser em metamorfose constante, sempre desconectado do seu próprio interior. Para ele, que cita Pirandello nesse trecho, o artista é privado de sua própria realidade, já que precisa transformar-se na imagem de um

personagem que ele não é. A câmera que captura os movimentos no ator, então, age como sua sombra. Desta forma, esta máquina criadora de imagens age como instrumento de alienação, pois faz possível o transporte dessas imagens para qualquer lugar onde as massas possam ter acesso.

- Apesar disso, o ator tem plena consciência de que sua relação com as massas é superficial, já que são elas que o controlam, mesmo que sequer estejam visíveis ainda. A questão é que o capital que gira em torno do cinema o controla, fazendo com que o caráter revolucionário dele seja descaracterizado, já que não existe forma de revolucionar utilizando um meio anti-revolucionário para se apoiar. Assim, a estrela que aparece no cinema nada mais é que uma mercadoria.
- Mesmo diante da eficácia, segundo o autor, da reprodutibilidade técnica na arte contemporânea e a ausência da obra original, o cinema parece entrar em maior crise, já que apesar de ter o princípio das obras como objetos bastante reproduzidos, a atuação do ator sempre será nova e original.
- Walter Benjamin cita, nesse texto, Arheim, que em 1932 pontua: *“o estágio final será atingido quando o intérprete for tratado como um acessório cênico, escolhido por suas características... e colocado no lugar certo”*. Essa afirmação denota que o ator de cinema tem o seu papel como personagem negado, diferente do ator de teatro, que ao subir no palco precisa entrar em uma grande interpretação. O que o autor quer dizer nesse trecho é que o cinema “picota” os acontecimentos de uma narrativa, cortando a atuação do artista em pedaços, decompondo-a em várias sequências individuais.
- Apesar de minha forte discordância quanto ao conteúdo do quinto parágrafo, a ideia que Benjamin apresenta é de que os atores de cinema são, em sua boa parte, atores que não são bons o suficiente para serem atores de palco. O que ele diz nesse parágrafo e no anterior é que o ator de cinema representa a si mesmo e suas próprias emoções na frente das câmeras, nunca atuando de verdade. Ele diz que “o astro de cinema impressiona o público porque parece abrir a possibilidade de fazer cinema a todos”, dando a ideia de que qualquer um pode atuar no cinema, estar na frente das câmeras e satisfazer sua vontade de homem moderno que seria “empalidecer a glória do grande artista teatral”.

### **Exposição perante a massa**

- Exposto na primeira parte do primeiro parágrafo, a ideia de metamorfose do modo de exposição é também vista na política. Segundo o autor, para o político, a democracia o expõe num palco onde o Parlamento é seu público. Com as novas técnicas, o público, agora, é muito maior. Comparado ao cinema e ao teatro, um

político pode se apropriar de uma forma de atuação para tornar “mostráveis” certas ações performadas por ele, podendo até ser relacionada à forma tal qual um ditador manipula seu povo.

### **Exigência de ser filmado**

- Durante boa parte do texto, o autor compara o cinema com o esporte no sentido que nos dois casos, segundo ele, os espectadores são “semi-especialistas”, já que, no caso do cinema, todos têm oportunidade de fazer parte. Assim, compara a ideia do cinema com a dos escritores, que antigamente eram exclusivamente profissionais e naquela época, com a criação da imprensa e a facilidade da publicação de ideias, qualquer pessoa pode se atrever a escrever. Portanto, ele afirma que a diferença entre autor e público começa a desaparecer, tal qual o cinema.
- Benjamin cita o cinema russo com seus “atores” que são apenas pessoas que se auto-representam e as massas, em geral, participando dessa grande indústria cinematográfica que busca a atenção das pessoas por meio de envolvimento na vida pessoal dos artistas, tentando chamar a atenção para o relacionamento amoroso, beleza, etc, acabando por corromper o verdadeiro interesse da massa pelo cinema e o transformando em interesse pessoal.
- *“Toda forma de arte amadurecida está no ponto de intersecção de três linhas evolutivas”* é o que o autor fala enquanto finaliza a ideia da contemplação de imagens, explicando que antes mesmo do cinema transformar-se em uma arte coletiva, as massas já a experienciavam individualmente.

### **Pintor e cinegrafista**

- O mais interessante nesse trecho é a comparação entre um cinegrafista e um cirurgião, entre um pintor e um mágico. Enquanto o cirurgião, para curar um doente, penetra seu corpo para fazer alterações, um mágico não intervém, fazendo apenas a cura sem o toque. É o mesmo sentido, segundo Benjamin, de um cinegrafista e um pintor. Enquanto o pintor não intervém numa paisagem, apenas a visualizando a uma boa distância, o cinegrafista, nas palavras do autor, *“penetra profundamente as vísceras dessa realidade”*.

## Recepção dos quadros

- “A reprodutibilidade técnica da obra de arte modifica a relação da massa com a arte” é o que o autor afirma no parágrafo em que explica sobre a relação do cinema com a coletividade. É pela ideia de coletividade dentro do mundo cinematográfico que as reações pré condicionadas de um indivíduo influenciam nas reações do grupo e vice versa. É pensando nisso que Benjamin relaciona o cinema com a pintura, novamente, pontuando que os quadros não serviam para serem apreciados em conjunto, mas que graças à crise da pintura, tal acontecimento teve de começar.
- O autor pontua, no segundo parágrafo, que o papel social da pintura não pode ser decidido por conta do confronto com as massas. A conclusão que se pode tirar desta parte do texto é que as massas, talvez, não estivessem aptas a controlarem-se diante de uma representação artística tal qual uma pintura.

## Camundongo Mickey

- A ideia de criação de uma nova realidade de acordo com a nossa própria e a explosão do que parecia ser um universo carcerário, segundo o próprio autor, é abordada a esse ponto. O espaço antes controlado pelo homem agora é vítima de um controle inconsciente causado por ele mesmo, mas que agora tem a ótica no sentido mais psicanalista ao abordar o mundo em diferentes visões e pontos de vista, ainda apresentando o mesmo lugar de sempre, tudo isso proporcionado pela câmera.
- Segundo Benjamin, o cinema procura, neste caso, abordar um esquema mais sonhador do universo, mais estereotipado e deformado. Citando Heráclito, o autor explica que o mundo dos homens acordados é comum e o dos que dormem é privado. Sendo assim, o que antes nos era grotesco e perturbador, agora nada mais é que uma aventura cinematográfica excêntrica.

## Dadaísmo

- Neste parágrafo o autor aborda sobre a responsabilidade da arte em criar algo, porém que muitas das vezes poderia ser entendido de uma forma completa apenas anos mais tarde, o que gera momentos históricos difíceis para a mesma. As chamadas “épocas de decadência” são momentos em que a arte recorreu a criar meios de expressão sem um completo esforço profissional e técnico, gerando novas correntes artísticas, criando um novo movimento para a arte. De um desses novos movimentos, surgiu o dadaísmo.

- Ele explica que o desespero de uma época de decadência resultou em uma forma de arte igualmente decadente. O dadaísmo utilizava de conteúdos sem uma lógica aparente e com foco no absurdo, utilizando de efeitos sonoros, objetos do cotidiano, fotografias, poesia e músicas, abordando temas e assuntos beirando ao bárbaro e absurdo. Benjamin então conclui o parágrafo falando: “*O dadaísmo tentou produzir através da pintura (ou literatura) os efeitos que o público procura hoje no cinema*”, deixando clara a sua opinião sobre o cinema produzir conteúdos que o inconsciente humano busca para satisfazer a psicose da massa.
- Benjamin deixa claro sua opinião quanto a arte produzida pelos dadaístas, que pouco se importavam com lógica e um grande significado, afinal seus poemas se tratavam de “salada de palavras obscenas” e seus quadros tinham materiais impróprios para tais. O autor então volta a sua tese sobre a aniquilação da aura artística, já que eles apenas reproduziam algo já existente quando poderiam estar criando e produzindo algo novo.
- “*Impossível diante de um quadro de Arp ou de um poema de August Stramm, consagrar algum tempo ao recolhimento ou à avaliação, como diante de um quadro de Derain ou um poema de Rike.*” Portanto, comparar ambos seriam algo tão ilógico e irônico quanto o próprio dadaísmo, pois ambos estariam em níveis diferentes, em pólos opostos onde a comparação nada mais seria do que uma piada.
- Benjamin volta a abordar diretamente a burguesia e sua degeneração, mostrando que em um período onde a mesma estava fragilizada, o recolhimento social foi a resposta para isso, e como uma resposta para essa mesma resposta, o dadaísmo provocou o escândalo, gerando uma saciação de algo que a sociedade estava necessitando, a distração com algo banal para se esquecer dos problemas vividos.
- Isto incentivou a demanda do público pelo cinema, que utilizando de todos os efeitos absurdos possíveis, criou uma sobrecarga sensorial para o público, unificando o efeito de choque com algo ainda maior e absurdo. Ele compara as telas do cinema com as telas de um quadro, dizendo então que um quadro pode criar um choque apenas visual, mas com a junção da imagem ao som, o espectador é convidado a abandonar suas preocupações e focar apenas no que se passa na frente de seus olhos e os sons que abordam os seus ouvidos, com a constante mudança de cenário para a confusão mental e interrupção de ideias bem fundamentadas.
- O autor fala: “*A associação de ideias do espectador é interrompida imediatamente, com a mudança de imagem. Nisso se baseia o efeito de choque provocado pelo cinema, que, como qualquer outro choque, precisa ser interceptado por uma atenção aguda.*” Benjamin então encerra esse tema associando o cinema como uma forma de arte que corresponde às preocupações do ser humano moderno, buscando saciar e o alienar da sociedade atual para que possa ter uma falsa ilusão de satisfação, mesmo essa sendo momentânea.

## Recepção tátil e recepção ótica

- No primeiro parágrafo, o autor aborda a diferença entre as massas e o conhecedor na interpretação e no consumo de uma obra de arte. Para as massas, estar em contato com uma obra é *diversão*, enquanto para o conhecedor é um objeto de devoção. O conhecedor busca mergulhar na obra, segundo Benjamin, enquanto a massa busca fazer com que a obra mergulhe em si. Ele dá o exemplo da arquitetura, que é uma arte coletiva. Para ele, arte vem e vai, seja ela qual for, mas as massas permanecem precisando de um local para viverem.
- A percepção e o uso das obras arquitetônicas — que o autor caracteriza como edifícios — podem ser chamados de meios táteis e óticos.
- O autor aborda bastante o hábito, a percepção e a distração, relacionando o cinema com a arquitetura, explicando que ele as sequências de imagem causam distração e por fim o hábito.

## Estética da guerra

- Benjamin então fala que a proletarização e massificação exacerbada são dois lados de uma mesma coisa, como uma moeda, onde você vira uma face e a outra estará te encarando. O fascismo tem como função organizar essas mesmas massas que está provocando, e para isso utiliza de qualquer artifício necessário para o controle da população. Acredito que no romance 1984, escrito por George Orwell, temos um exemplo claro do que seria esse controle sobre um povo proletarizado que vive apenas para o benefício do governo e é vigiado e controlado pelo mesmo a todo momento.
- O autor fala que: “*Ele vê sua salvação no fato de permitir às massas a expressão de sua natureza, mas certamente não a de seus direitos*”, deixando claro sua opinião contra a falsa sensação de liberdade que o cinema proporciona ao consumidor. A população, a massa, se vê no conteúdo exibido a ela, se identificando, e assumindo aquela realidade para si. “*A massa vê seu próprio rosto*”, Benjamin diz, e é por isso que é controlada, pois é propagada a falsa sensação de pertencimento para aqueles que não se enxergam na sociedade.
- Segundo ele, contanto que a massa esteja satisfeita com sua própria alienação, o cinema cumpriu com seu papel, entretendo o público e o deixando feliz, fazendo-o se esquecer de todas as situações precárias que passa em sua vida, sendo essa então, a sua estética de guerra.
- Benjamin aponta uma ligação direta da mídia com a propaganda política, ligando a mesma diretamente a Hitler, que utilizou dos meios televisivos como uma

estratégia para embelezar e estetizar a política. Todos os caminhos se propagam em diferentes direções, mas eles tem apenas uma destinação, um ponto onde todos se cruzam e alinham, esse ponto é a guerra.

- A guerra é a única capaz de dar um verdadeiro significado aos movimentos e reclamações da massa, que é provocada e bombardeada por todos os tipos de conteúdo, para que chegue em um ponto onde a mesma esteja tão cega que nada mais poderá saciar sua sede de violência e injustiça pessoal, provocando assim as guerras.
- Ele então faz uma citação a Marinetti em seu manifesto sobre a guerra colonial da Etiópia para provar o seu ponto, onde o autor do mesmo faz uma alusão a “beleza” da guerra e toda a sua estética devastadora e putrefata, onde a mesma acaba com a beleza do mundo, substituindo tudo com resultados violentos que coisas como as propagandas políticas e a manipulação da arte podem proporcionar. *“Poetas e artistas do futurismo... Lembrai-vos desses princípios de uma estética de guerra, para que iluminem vossa luta por uma nova poesia e uma nova escultura!”*
- A guerra, nada mais é do que uma rebelião da técnica utilizada erroneamente, que cobra em destruição e mortes, em “material humano”, o que a sociedade o nega de forma cruel e fria, a apatia sendo aparente no fascismo que busca através da guerra saciar a sua fome pela violência, a brutalidade e satisfação artística pela mesma, sendo a forma mais perfeita da *“Arte pela arte”*.
- Citando Homero e a Grécia Antiga, onde através de teatros, cânticos e lutas a humanidade oferecia um grande espetáculo para o entretenimento e satisfação dos deuses antigos, agora a humanidade faz de si mesma um espetáculo apenas para saciar sua própria fome e tédio. Chegamos a um ponto onde nossa auto-alienação nos permite gozar de forma exacerbada do próprio sofrimento, onde por prazer estético, rimos de nossa dor e luta diária, tão alienados que não percebemos tal coisa, ou se percebemos, poucos nos importamos. *“Eis a estetização da política, como a própria prática do fascismo. O comunismo corresponde com a politização da arte.”*